

ARTIGOS

Jacques A. Wainberg

Graduado em História,

pós-doutor pela Universidade do Texas e

Universidade de Tel Aviv.

Professor titular da Pontifícia Universidade Católica

do Rio Grande do Sul,

Rio Grande do Sul, RS,

Brasil. Email: jacqalwa@

pucrs.br. Currículo

Lattes: [http://lattes.cnpq.](http://lattes.cnpq.br/7853326207783649)

[br/7853326207783649](http://lattes.cnpq.br/7853326207783649)

O discurso utópico e o poder persuasivo da violência

The utopian discourse and the persuasive power of violence

El discurso utópico y el poder persuasivo de la violencia

RESUMO

A “ação direta” e a “propaganda pelos fatos” são formulações teóricas que justificam a violência política como forma de discurso político em que os fatos falam por si. No entanto, desde o seu alvorecer no anarquismo até chegar às formulações contemporâneas no salafismo, os formuladores desse conceito não deixam de reconhecer o poder que a retórica também tem para ajudar o esforço político e militar que os grupos rebelados fazem para tornar seu ideário uma realidade. Este estudo examina a origem e a aplicação desses conceitos, assim como as propriedades do discurso utópico evocado nessa militância e as críticas que ele tem recebido.

Palavras-chave: Propaganda pelos fatos. Ação direta. Discurso utópico. Persuasão. Revolução.

ABSTRACT

“Propaganda of the deeds” and “direct action” are theoretical formulations justifying political violence as a form of political discourse in which the facts have persuasive power. However, since its first days in anarchism till today’s salafist formulation, the users of these concepts recognize the rhetorical power it has to help radical and revolutionaries groups and movements to turn into reality their utopian dreams. This study also examines the proprieties of utopian discourses and highlight the criticism utopianism has received from a number of authors.

Keywords: Propaganda of the deed. Direct action. Utopian discourse. Persuasion. Revolution.

RESUMEN

“Acción directa” y la “propaganda por los hechos” son formulaciones teóricas que justifican la violencia política como una forma de discurso político. Sin embargo, desde sus albores en el anarquismo hasta la militancia salafista de hoy, los dos conceptos también reconocen el poder que tiene la retórica en el esfuerzo político y militar que los grupos rebeldes hacen para tornar sus ideas utópicas una realidad política. Este estudio examina el origen y la aplicación de estos conceptos, así como las propiedades del discurso utópico y las críticas que ha recibido.

Palabras clave: La propaganda por los hechos. La acción directa. Discurso utópico. Persuasión. Revolución.

Submissão: 16/04/2013

Decisão editorial: 11/03/2014

Introdução

Pode-se afirmar que a geração de 1968 foi de fato uma geração otimista, como propõe Paul Berman (1997). Estimulados por ideias redentoras, os jovens daquela época acreditavam na capacidade de transformar suas utopias em realidade. Esse fato ajuda explicar por que entre 1964 e 1974 um total de 30,7% de todos os militantes processados no Brasil pelo regime militar foram estudantes. Era o maior grupo de oponentes ao 'sistema'. Até mesmo Leonel Brizola admitiu que devido à tenra idade da maioria dos rebelados não havia lastro mental para lidar com 'essa situação' (RAPOSO, 1994).

Em nome de suas causas, alguns jovens dessa geração e das seguintes envolveram-se também em ações terroristas – e o ataque suicida era um dos tipos mais chocantes. O ato terrorista é um tipo de 'ação direta' e de 'propaganda pelos fatos' no qual a comunicação não resulta das palavras. Em última instância, esse tipo de ataque lida com valores, crenças e ideias. Almeja influenciar as atitudes de um público atônito que se divide no exame do significado do ato mortífero.

História dos conceitos

A história desses dois conceitos é relativamente antiga. Carlos Pisacane (1818-57), líder da esquerda

durante o Risorgimento italiano, diz em seu *Testamento Político* (1857) que as idéias surgem dos fatos e não o contrário. O alemão Gustav Landauer (1870-1919) definiu a 'ação direta' como um modo de inspirar as pessoas a transformar a sociedade. Mikhail Bakunin (1814-1876) diria que os princípios devem ser disseminados não com palavras, mas com fatos que se tornam aos olhos dos observadores uma forma mais potente e "irresistível de propaganda". O conceito foi também popularizado pelo anarquista francês Paul Brousse (1844-1912) que em seus escritos jornalísticos referiu-se à Comuna de Paris como exemplo de 'ação direta'. A violência foi advogada ainda por Johann Most (1846-1906), um jornalista e político americano de origem alemã.

Outro exemplo ainda é Alexander Berkamn (1870-1936), que permaneceu preso por 14 anos após sua frustrada tentativa de assassinar um homem de negócios como um ato de propaganda por 'ação direta'. Já o ítalo-americano Luigi Galleani (1861-1931) acabou deportado à Itália em 1919 por sua militância em favor da violência política. Ele acabaria sendo o inspirador da morte de 38 pessoas num ataque a bomba em Wall Street realizada por seus seguidores em 1920.

Entre as táticas utilizadas nessas ações violentas popularizou-se também o assalto aos ricos. Clément Duval, por exemplo, roubou de uma mansão parisiense 15 mil francos antes de pôr fogo na residência. Tornou-se uma espécie de ideólogo do argumento em favor do 'reclame social'. Já o roubo de bancos foi rotulado de 'expropriação'.

Os fatos e as palavras

Tem sido assinalada em várias fontes (EGERTON, 1997) a relação existente entre as ações desses pioneiros da 'ação direta' e da 'propaganda pelos fatos' e grupos como Baader Meinhof, Tupamaros e Montoneros que atuaram nos anos de 1960 e 1970 principalmente. Todos aprenderam bem a lição de que, ao criarem uma 'situação dramática', pode-se (1) disseminar com alguma facilidade por todo o mundo uma mensagem e (2) criar uma crise intelectual e existencial que gera no público a dúvida, a incerteza e a reflexão profunda sobre os fundamentos da sua sociedade. Além do mais, (3) os fatos falam por si.

Já a relação entre esse legado anarquista do passado e a prática salafista contemporânea pode ser comprovada por meio da correspondência da Al Qaeda. Por razões de segurança, tal organização utiliza esse tipo de expediente para manter seus principais comandantes em contato. Uma parte das cartas acabou caindo nas mãos do governo dos Estados Unidos que as encontrou no refúgio de Osama Bin Laden, no Paquistão. Numa delas o militante da Al Qaeda, Adam Gadahan, de nacionalidade americana, ao manifestar seu desacordo com um ataque realizado por uma organização afiliada à Al Qaeda contra uma igreja católica em Bagdá, diz que "se as ações são mais efetivas que as palavras, seus atos (...) não ajudam a ganhar a simpatia do povo". Esse argumento é um rastro da ideia anarquista da 'propaganda pelos fatos'. Mas como propunha Johann Most, que sugeria colocar pôsteres para explicar as ações armadas realizadas em nome da revolução, também entre os *binladistas* já não existe qualquer ambiguidade em relação às palavras. Elas devem ser utilizadas, sem dúvida! É preciso explicar as ações ao público.

As cartas da Al Qaeda documentam a profunda preocupação da organização com essa temática da persuasão retórica. As declarações de Adam Gadahan faziam parte de uma resposta ao desejo de Osama Bin Laden que noutra correspondência perguntava qual seria afinal a estratégia para a data de 11 de setembro que se aproximava. Por meio do vídeo e no *communiqué* que pensava em divulgar ao mundo, Bin Laden esperava celebrar 'a vitória' obtida em 2001, restaurar a confiança dos muçulmanos e apresentar 'nossa justa causa'. Essas reflexões do *sheik* fizeram Adam Gadahan refletir também sobre o *timing* do *communiqué* que estava sendo planejado. Seria uma forma de fazer o público americano recordar um tema (o ataque às torres gêmeas) que estava caindo no esquecimento. Seria ótimo que o *sheik* aparecesse agora, diz Adam, desde que não fosse uma exposição diária ou semi-semanal (exposição). Havia milhões de admiradores no mundo islâmico sedentos em acompanhar sua apresentação. Também os *mujahidin* aguardavam sua imagem e palavra de estímulo e orientação (*públicos alvos e mensagem*). Segundo a correspondência, essa era a audiência mais relevante. Outro público alvo eram os cristãos do mundo árabe. Deveria ser feito um chamado para que eles se convertessem e para que não cooperassem com os inimigos que se opunham ao estabelecimento do estado islâmico.

Mas, afinal, como a mensagem deveria ser disseminada no aniversário do ataque às torres gêmeas (*circulação*)? Não há muita diferença entre os canais, à exceção do FOX, pondera Adam Gadahan (*mídia*). O melhor mesmo, diz ele, seria distribuir o vídeo a mais de um canal. Assim, haveria competição entre

as emissoras e certamente o material seria veiculado (*valores profissionais*). E como é usual nesse tipo de prática de relações públicas, Adam apresenta na carta uma lista de jornalistas que no passado revelaram interesse pela organização, entre os quais Robert Fisk e Abd-al-Bari (na Inglaterra), Brian Russ, Simon Hirsh e Jerry Van Dyke (nos Estados Unidos) e Eric Margolis e Gwynne Dyer (no Canadá). Segundo esse documento, a Al Qaeda pensava contatar entre 30 e 50 jornalistas em todo o mundo visando dessa forma a divulgar no aniversário do ataque de 11 de setembro o vídeo com a imagem e a palavra do *sheik*. Seriam concedidos a cada um deles um código e um endereço eletrônico de onde poderiam baixar o material. A Al Qaeda apostava que pelo menos uns dez fariam exatamente isso, o que asseguraria circulação mundial ao vídeo. Numa carta de 2005, o segundo comandante desta organização, Ayman Al-Zawahiri, salientou o fato de que a mídia era um campo de batalha no qual se desenvolvia mais da metade da luta. “Estamos numa disputa pelo coração e a mente de nossa *ummah*”¹. Em suma, fica clara a preocupação desses militantes com a temática da comunicação massiva e global.

Da mesma forma que os anarquistas, também os militantes salafistas manifestam agora a crença de que a legitimidade e a reputação da Al Qaeda foram alcançadas entre opinião pública por ser esse um grupo de ‘homens de ação’. Assim, por meio dessa imagem de pessoas práticas e honestas que se sacrificam no campo de batalha, os militantes da Al Qaeda buscam retirar dos tradicionais líderes religiosos

¹ U.S. Office of the Director of National Intelligence, 9 jul. 2005.

a aura e a credibilidade que usualmente os envolvem. Esse tipo de desprezo foi manifestado noutra correspondência por Mohammed Siddique Khan, um dos militantes responsáveis pelos ataques realizados em Londres em 7 de julho de 2005. Ele definiu a si e a seus companheiros como “verdadeiros homens”, já que suas ações e sacrifício eram evidentes a todos. Ironizava os eruditos tradicionais que estavam bastante contentes com seus Toyotas. “Se eles temem mais o governo britânico do que Alá, então eles devem desistir de dar palestras e de proferir fatwas”, sugere. “Eles são inúteis e devem deixar a tarefa para homens de verdade, os verdadeiros herdeiros do profeta”.²

Os defensores da violência

Ao longo da história, a violência como tática de ‘ação direta’ e de propaganda política foi defendida por vários autores. Em *Em Defesa do Terrorismo*, Leon Trotsky explica que ‘o terror vermelho’ era uma arma contra a burguesia que, como classe, se recusava a desaparecer. Frantz Fanon, em sua primeira obra, *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), tratou da temática. Também no livro *Os Danados da Terra* (1961), ele diz que somente por meio da violência pode ser realizada a revolução anticolonial. O movimento naxalista que luta pela revolução comunista na Índia também evoca em seu discurso o argumento da ‘ação direta’ como forma de propaganda e ‘terapêutica social’. Para tanto, utiliza o terror e o assassinato dos ‘inimigos de classe’, entre eles os proprietários rurais, os homens de negócio, os professores universitários, os policiais e os políticos.

² Carta de Ayman al-Zawahiri a Abu Musab al-Zarqawi.

A retórica revolucionária desses grupos constituiu uma tradição de discurso com forte traço niilista. Para o russo Sergey Gennadiyevich Nyechayev (1847-1882), a revolução deveria ser perseguida por qualquer meio. Ele dá o recado ao escrever "Catecismo de um revolucionário", um programa publicado em 1869 que advogava a ideia da destruição sem misericórdia da sociedade e do Estado. O curto panfleto, republicado nos Estados Unidos em 1969 pelo movimento Panteras Negras, exerceu também forte influência sobre os ativistas da Brigada Vermelha italiana. "Os fins justificam os meios", dizia Nyechayev. Afirma que o revolucionário não tem interesses particulares, relações, laços, propriedade "e nem mesmo um nome próprio". Ele é "devorado" pela paixão revolucionária. Ao se desligar do mundo exterior, de tudo e de todos, deseja unicamente "destruí-lo". A única maneira de apressar a redenção do mundo é aprofundar sua dor e miséria, incitando, por fim, os sofrendores a se rebelarem. Entre os "deveres do revolucionário" previstos nesse "catecismo" está ainda a recomendação para que se considere como moralmente aceitável somente aquilo que contribui ao triunfo da revolução. O revolucionário deve também se acostumar à tortura e excluir de seus atos todo o sentimentalismo, romantismo, paixão e exaltação. Sua missão é, enfim, a destruição sem piedade.

O discurso utópico

A fascinação causada no público por atos violentos cuja aura é revolucionária confere uma *aparência heroica* a determinado tempo. Por isso mesmo, em muitas oportunidades ele é lembrado como mágico e digno de celebração. Outra propriedade que lhe

confere reputação é sua *radicalidade*. Nesse tipo de ambiente emocional, armado e violento o *discurso utópico* floresce. Ele se nutre de *crises* reais e da *frustração*. Amplifica a natural *dissonância* da juventude com seu ambiente e cultiva a *esperança*, levando-a à ação. É possível observar também que, em geral, no discurso político e utópico predomina uma prosa *colérica*. Ela aponta um inimigo claro e lhe desfere insultos. Visa ainda a produzir um estado emocional que inclui a simpatia coletiva ao desejado sonho e ódio visceral ao oponente. Seu apelo persuasivo busca modificar os julgamentos dos céticos, deseja fortalecer a fé dos seguidores e almeja lançar medo no campo inimigo.

Segundo Paul Hollander (1997), para que a utopia se consolide em torno de um objeto de veneração, ela deve ser capaz de *articular os descontentes* em suas próprias sociedades; deve ser razoavelmente *distante* e *desconhecida* dos crentes; e deve ser capaz de cultivar na pessoa uma *imagem de vítima*. Por fim, a utopia deve ser *hostil* à sociedade liberal do Ocidente.

Outro autor, Richard E. Nisbett (2004, p. 107), afirma que as utopias ocidentais veem a história como uma jornada segura e mais ou menos *linear* rumo à sociedade perfeita. Ao fim e ao cabo a realização desse sonho político deve se tornar uma realidade permanente e eterna. Ainda, nessa descrição a utopia resulta do *esforço humano*. Ela não decorre nem do destino nem da intervenção divina. A utopia geralmente apresenta um *ideário igualitário* e está baseada em alguns pressupostos radicais da natureza humana. A mensagem utópica deseja ainda produzir algum *grau de desconforto* com o estado do mundo. No caso das ideologias políticas, a produção no in-

divíduo desse *efeito de estranhamento* ao ambiente circundante é missão usual da crítica social.

Frederic Jamenson (2005) afirma que a utopia é mais vigorosa em 'períodos de transição'. Neles a instabilidade é profunda. A utopia divulgada nesse tipo de contexto exerce por isso uma função terapêutica ao prover o futuro de esperança. Isso explica por que a justiça é pregada no seio da crise social, a liberdade no âmbito da escravidão e a democracia nos ambientes tirânicos. Com frequência os períodos de transição podem também ser marcados por eventos excepcionais que funcionam como *incentivos utópicos*; ou seja, por sua natureza radical, eles são capazes de mudar o rumo de alguns aspectos da história corrente. O assassinato de Martin Luther King, em 1968, é ocorrência desse tipo e ajudou a consolidar no mundo a mensagem dos direitos humanos e civis.

Dito de outra maneira, uma ocorrência pode ser enquadrada na categoria de 'incentivo utópico' quando seu impacto causa a superação dos valores culturais e políticos de um tempo específico, influenciando de forma decisiva a agenda noticiosa e assim, por intermédio da mídia, propaga um novo paradigma moral que abala o senso comum estabelecido até então. Esse efeito no clima de opinião pública abre o caminho para uma nova interpretação dos fatos, propondo então novos ideais. Estes, por sua vez, acabam produzindo nova militância política e moral.

Outra propriedade ainda do discurso utópico é sua inerente capacidade de animar e gerar imagens mentais com cenários que não estão disponíveis aos sentidos. Assim, quem imagina pode criar e manipular variáveis como ocorre usualmente nos ensaios mentais que caracterizam o 'sonambulismo diurno'. O famoso

grito “Eureka” atribuído ao matemático Arquimedes de Siracusa e proferido por ele quando saiu nu às ruas de sua cidade após descobrir no meio do banho que o volume de qualquer corpo pode ser calculado medindo o volume de água movida quando ele é submerso n’água, simboliza esse momento mágico no qual se supera o período de ‘fermentação’ e se tem um *insight* iluminador que resulta da livre associação das ideias. Ou seja, a formação de novas imagens mentais é feita com estímulos ambientais acumulados na mente que se combinam num novo arranjo de forma inesperada. Em suma, a ambição utópica sempre desejou ‘consertar o mundo’ de algum modo e de maneira definitiva.

As propriedades do discurso utópico

1. O discurso utópico deseja consertar o mundo.
2. O discurso utópico visa a transcender a realidade.
3. O discurso utópico é inconsistente com a realidade vigente.
4. O discurso utópico propõe um ideal.
5. O discurso utópico faz a defesa de uma causa.
6. O discurso utópico desperta a imaginação.
7. O discurso utópico faz julgamentos de valor.
8. O discurso utópico se refere a um mundo desconhecido.
9. O discurso utópico busca inverter a ordem vigente.
10. O discurso utópico articula os descontentes.
11. O discurso utópico exerce poder sobre a mente inquieta e reformista.
12. O discurso utópico exerce especial influencia sobre o jovem.
13. O discurso utópico é contagiante.
14. O discurso utópico é estimulado por eventos dramáticos e/ou notáveis.
15. O discurso utópico floresce nas crises e momentos de transição.
16. O discurso utópico é emotivo.
17. O discurso utópico é datado.
18. O discurso utópico tem vigor transgeracional.
19. O discurso utópico tem potencial revolucionário.
20. O discurso utópico é estimulado por ‘legendas vivas’.

21. O discurso utópico é expresso por porta-vozes que marcam um tempo.
22. O discurso utópico abala a crença na retórica hegemônica.
23. O discurso utópico divulga a esperança.
24. O discurso utópico faz uso de um léxico específico.
25. O discurso utópico é antídoto ao enfado existencial.
26. O discurso utópico acredita no aperfeiçoamento humano.
27. O discurso utópico educa o desejo.
28. O discurso utópico resiste ao tempo.

Críticas ao utopismo

A obra crítica produzida pelos intelectuais sobre suas sociedades, em especial a partir do século XIX, quando ela assume uma perspectiva social, tem causado muitas reações de descrença e desconfiança. Julien Benda, por exemplo, tornou-se célebre após escrever *A Traição dos Intelectuais*, em 1927. Nela, denuncia a adesão dos pensadores de seu tempo ao stalinismo. Raymond Aron, em *O Ópio dos Intelectuais* (1980), é ácido contra o discurso marxista. Denuncia como mito o seu romantismo revolucionário, o seu culto à violência, os seus sofismas (esquerda, proletariado, revolução, história) e em especial à escatologia marxista que "atribui ao proletariado a missão de um salvador coletivo". Para Aron, a utopia marxista é menos uma visão do futuro e mais uma rejeição do presente. Carlos Rangel faz algo similar em *Do Bom Selvagem ao Bom Revolucionário* (1981). Diz ele com ironia que as seitas milenaristas (ou revolucionárias) concebem a salvação como total. Com tal transformação súbita, tudo se transforma em perfeição.

Uma literatura crítica de tom filosófico se desenvolveu com objetivo similar de criticar o utopismo em geral. Isaiah Berlin, por exemplo, nos alerta que sem ideias grandiloquentes não é possível mobilizar nas

pessoas a emoção necessária para que se produzam o sacrifício, o martírio e as façanhas heróicas. Diz ele que o resultado observado na história recente tem sido a imposição brutal às massas de certas crenças salvacionistas e de atitudes de obediência e subseriência a elas. Em nome de tais ideais pretensamente superiores justifica-se a coerção com o argumento de que só assim, infligindo algum dano aos heréticos, poderá surgir no horizonte a prometida redenção social e humana (WALZER, 2009).

Pode-se argumentar que os atores sociais muitas vezes esquecem que a utopia por definição não é realizável. Torná-la um projeto político produz com frequência um resultado que acaba permeado pela frustração e pela decepção. Mesmo assim, e apesar dos riscos, a tentação de transformar um sonho em realidade é grande. Por decorrência, nos alerta o cientista político italiano Giovanni Sartori (1987), o perfeccionismo é um mal e tem consequências. Desde que o ser humano pensa, sempre concebeu um mundo ideal como sendo a antítese do mundo real. Marx impulsiona essa tradição e propõe o sonho como plataforma política. O filósofo-rei que até então inspirava os demais se transforma a partir de Marx em filósofo-revolucionário. Sua missão passa a ser a de ajudar a modificar o mundo que até então costumava ser observado a uma cautelosa distância. Portanto, pondera Sartori, o perfeccionismo é o exagero de um ideal. Nesse caso, a noção de utopia acaba perdendo o sentido de impossibilidade e se transforma numa ideologia revolucionária.

Sua crítica a esse tipo de perfeccionismo não visa a afirmar que os ideais são inúteis; ao contrário, eles ajudam a vencer as resistências e a desafiar os

fatos. Mas para sua aplicação correta, é necessário que se apliquem 'princípios intermediários', como é o caso, por exemplo, da representação política – uma realização incompleta ou imperfeita da soberania popular. Inspirado no ideal absoluto, o revolucionário quer, acima de tudo, negar a realidade vigente. Isso também significa negar o regime democrático cuja meta é modesta. Na democracia predomina a ideia da reforma e melhoramento gradual da realidade. Evita-se assim que os idealistas, no afã de tornarem real o ideal, traiam as ideias inspiradoras.

Por decorrência, nos anos de 1960, por falta de modéstia em suas pretensões, "da utopia se fez uma orgia", diz Sartori. Herbert Marcuse, Régis Debray, Frantz Fanon, Jean Paul Sartre e muitos outros pensadores ajudaram a romper a delicada fronteira existente entre o imaginado e desejado com o existente e precário. Karl Mannheim é outro autor bastante criticado por ter elaborado e divulgado a máxima de que as utopias de hoje podem se tornar "as realidades de amanhã". Ao difundirem essa expressão, os filósofos revolucionários fizeram desaparecer o vocábulo até então existente para esse tipo de formulação irrealizável.

Portanto, a prosa desses autores converteu o perfeccionismo contemplativo usual até então na obra de inúmeros filósofos em "ativismo perfeccionista". Para muitos, essa distinção entre os dois mundos – o ideal e o real – só ficou clara com o fracasso da experiência comunista. Os próprios militantes de esquerda deram-se conta então desse rompimento de limites. Mas a verdade é que a crença no efeito terapêutico da violência, divulgado pelos filósofos rebelados dos anos de 1960, migrou ao campo polí-

tico e foi incorporado por esse tipo de movimento de jovens radicalizados, militarizados e idealistas. Juan Perón costumava dizer ao estilo de Frantz Fanon que “os únicos que têm direito a empregar a violência em maior grau são os povos que precisam libertar-se. Esta violência que emana do povo não é violência. É justiça”. Esse tipo de discurso ecoou forte no grupo Montonero que, em 1966, deixou as ações militares na área rural para atuar nas cidades argentinas.

Sartori ensina que os ideais são realizáveis, mas somente ‘em parte’. A verdade pouco reconhecida pelos embriagados com o sonho é que a utopia não está condenada a converter-se em fato. Para Sartori, os ideais são uma força de assalto. Quanto mais exageradas forem, melhor. No entanto, o que ocorre de fato é que elas mais alertam que constroem. Em suma, o perfeccionismo é um erro intelectual.

Antes dos anos de 1960 ainda, esse mesmo tipo de desconfiança à utopia tinha sido cultivado por outros inúmeros autores. Por exemplo, o economista Friedrich A. Hayek bombardeou com suas críticas o socialismo. O regime só vingaria, alertava ele, com a implantação de uma ditadura. Na verdade, o marxismo nunca escondeu em seus escritos a necessidade desse tipo de regime. Por intermédio da ditadura do proletariado prometia dar “um salto do reino da necessidade para o reino da liberdade”, recordava com ironia crítica Hayek. Sua obra *O Caminho da Servidão*, publicada em 1944, foi uma tentativa – frustrada à época – de desmontar a crença no utopismo comunista que então conquistava os corações e as mentes dos liberais.

Também Karl Popper denunciou o utopismo. Essa crença cega contraria o espírito crítico que deve pre-

ponderar na sociedade democrática, diz ele. Seu livro *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos* (1982) propõe que o embate entre as ideias é condição ao progresso do conhecimento. Ele salienta a modéstia das soluções graduais aos problemas humanos. Popper denomina esse processo de 'mecânica gradual'. Assim, a pessoa enfrenta em primeiro lugar os males maiores e mais urgentes em vez de buscar uma solução definitiva para todos eles. Quando se busca um Estado ideal cai-se facilmente no arbítrio de uma ditadura. Tal projeto acaba exigindo um regime forte centralizado de uns poucos. E, por decorrência, logo aparece o irracionalismo. Substitui-se a razão pela busca em milagres políticos. Surge uma espécie de embriaguez produzida pelo sonho de um mundo belo e romântico. Ocorre que o que surge geralmente é o inferno.

Posição crítica semelhante é apresentada pelo ficcionista e ensaísta Mario Vargas Llosa. Ele diz que o que 'matou' os latino-americanos foi o sonho da sociedade perfeita alimentada pela ideologia, diz ele. Nada podia ficar abaixo ou aquém deste ideal absoluto. A atração da solução absoluta dos males acabou atraindo os mais lúcidos e os mais generosos. Ficaram fascinados com a revolução e sua promessa de mudança absoluta. “

A utopia tem sido criticada por também servir de mecanismo de elevação do espírito desde as sombras da depressão a um estado maníaco de intensa euforia. Por exemplo, segundo Hans Magnus Enzensberger (2001), o desânimo causado nos anos de 1960 e 1970 pela Guerra Fria, pelos desastres ecológicos anunciados pelo Clube de Roma nesse mesmo período e pelo vazio ideológico provocado pela queda do comunismo russo a partir de 1989 deu lugar a um

novo [e exagerado] estado de ânimo eufórico cujo otimismo está depositado agora na genética, na robótica e noutros campos da ciência e da tecnologia.

Para o sociólogo marxista francês, Henri Lefebvre (GARDINER, 2012), outras reações a essa sensação de fastio existencial envolvem também o misticismo, o consumismo, as provocações artísticas e estéticas e as ruidosas manifestações dos jovens como a ocorrida em maio de 1968 na França e noutras partes do mundo. O movimento da Internacional Situacionista considerava esse tipo de tédio como 'contrarrevolucionário'. Ele seria o resultado de uma rotina alienadora, da estandardização da vida social, da banalização da cultura, da indiferença e do conformismo. A rotina das multidões na modernidade tinha se tornado insuportável. O resultado final foi a pura melancolia e uma passividade resignada ao *status quo*. Esse comportamento é descrito por vezes também como neurastenia, um quadro resultante da exaustão física e psicológica, irritabilidade e depressão.

Críticas ao discurso utópico

1. Por definição a utopia não é realizável.
2. Os utopistas são críticos mordazes de suas realidades, mas indulgentes sobre o que veneram.
3. A utopia visa a manter a ilusão viva.
4. Sem ideias utópicas grandiloquentes não é possível mobilizar a emoção necessária ao sacrifício.
5. O perfeccionismo é errado e tem consequências.
6. É impossível alcançar o ideal absoluto.
7. Com frequência uma utopia converte-se numa orgia.
8. A proposição utópica deriva de um comportamento maniaco.
9. A utopia produz a miopia.
10. Na maturidade o que diminui é o que se deseja. Na velhice aprendemos a esquecer.
11. O discurso utópico provê álibi à violência política.
12. O discurso utópico resiste à crítica.

13. O discurso utópico produz a sensação de que a pessoa é uma vítima.
14. Os utopistas migraram do sonho comunista ao ambientalismo.
15. Todo lugar desconhecido é embelezado.
16. As utopias são pretensiosas e a falta de modéstia culmina no seu fracasso reformista.
17. A história é um experimento imperfeito e infeliz.
18. A utopia é uma tentativa de substituir o real pelo imaginário.

Considerações finais

Se uma grande ideia fosse capaz de gerar única e exclusivamente pequenos gestos, as consequências usualmente observadas nas revoluções não seriam registradas nos livros de história. A violência aparece com mais destaque e frequência porque predomina entre os atores envolvidos nesses golpes e contra-golpes um estado de espírito nada modesto. Paixões exarcebadas geram ambições majestosas. Certamente, os dramas que se armam nessas oportunidades com imponência seriam evitados se as grandes ideias não inspirassem a pretensão pela realização de grandes feitos, os de aparência resoluta que prometem dar fim aos dilemas humanos de maneira rápida e irreversível.

A utopia política emerge em sua plenitude na *verbe* dos profetas. Os intelectuais, sejam eles filósofos ou teólogos, por meio de suas críticas engajadas principalmente às sociedades em que vivem, exercem o 'poder xamânico' de despertar e acalentar o sonho redentor dos jovens. As ideologias tornam-se a face aplicada das utopias retificadoras e das teologias restauradoras. Ambas florescem mais facilmente em ambientes atormentados. A dissonância percebida pelos militantes entre a realidade desejada e a existente estimula a dissidência e facilita a disseminação desse tipo de mensagem. Ocorrências dramáticas, como foi

o caso da Guerra do Vietnã, estimulam ainda mais a capacidade persuasiva da prédica rebelde. Mas quando essas condições de contexto que promovem o contágio das ideias inexistem, a utopia hiberna à espera de melhores dias. O fato explica sua propriedade transgeracional e o surpreendente fenômeno que se observa quando sua aura se projeta através da mídia e da cultura até mesmo séculos à frente.

Referências

ARON, R. **O Ópio dos Intelectuais**. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

BERLIN, I. **Limites da Cultura**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

_____. **Decline of Utopian Ideas in the West** ([Tokyo], 1978: Japan Foundation), 20 p.; reproduzido em J. M. Porter and Richard Vernon (Ed.), *Unity, Plurality and Politics: Essays in Honour of F. M. Barnard* (London and Sydney, 1986: Croom Helm)

BERMAN, P. **A tale of two utopias: the political journey of the generation of 1968**. W. W. Norton & Company, 1997.

BENDA, J. **A Traição dos Intelectuais**. Peixoto Neto. Lisboa. 2007.

CUTLER, R. (Ed). **The Basic Bakunin: Writings 1869–1871**. New York: Prometheus Books, 1992.

EGERTON, F. Alienation and its discontent. **European Journal of International Relations**. 17(3) p. 453-474, 1997.

ENZENSBERGER, H. M. La Nueva Utopia. **Nexos: Sociedade, Ciencia, Literatura**. Jul. 2001, p. 89.

FANON, F. **Black skin, white masks**. New York: Grove, 1968.

_____. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GARDINER, M. Henri Lefebvre and the Sociology of Boredom. **Theory, Culture & Society**, 2012, v. 29, n. 2, p. 37-62.

HAYEK, F. **O Caminho da Servidão**. Rio de Janeiro. Instituto Liberal, 1984.

HOLLANDER, P. **Political Pilgrims: Western Intellectuals in Search of the Good Society**. Transactions Publishers, 1997.

JAMENSON, F. **Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions**. London: Verso, 2005.

LANDAUER, G. **Revolution and Other Writings: a Political Reader**. PM Press, 2010.

LLOSA, M. V. A realidade y la utopia. **Nexos: Sociedade, Ciencia, Literatura**. 32, 395, nov. 2010, p. 36+.

MANNHEIM, K. Karl. **Ideology & Utopia**. London. Routledge. 2002.

NECHAYEV, S. G. **Catecismo de um revolucionário**. Disponível em: <<http://www.marxists.org/subject/anarchism/nechayev/catechism.htm>>. Acesso em: 3 jan.2013

NISBET, R. E. **The Geography of Thought: How Asians and Westerners Think Differently... and Why**. Nova York. Free Press, 2004.

POPPER, K. **A Sociedade Aberta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

RANGEL, C. **Do Bom Selvagem ao Bom Revolucionário**. Brasília: Universidade de Brasília. 1981.

RAPOSO, E. (Coord.). **1964 – 30 anos depois**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

SARTORI, G. **The Theory of Democracy**. Chatam, N.J.: Chatam House. 1987.

TROTSKY, L. **Terrorism**. A reply to Karl Kautsky. Londres. The Labour Publishing Company, 1921.

WALZER, M. Reclaiming Political Utopianism. **Dissent**. 24/12/2009